PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO ESPECIAL
ANO 4
MAIO/2022
NATALINO FERREIRA MENDES

EDITORIAL

Eduardo Mahon
Editor Geral

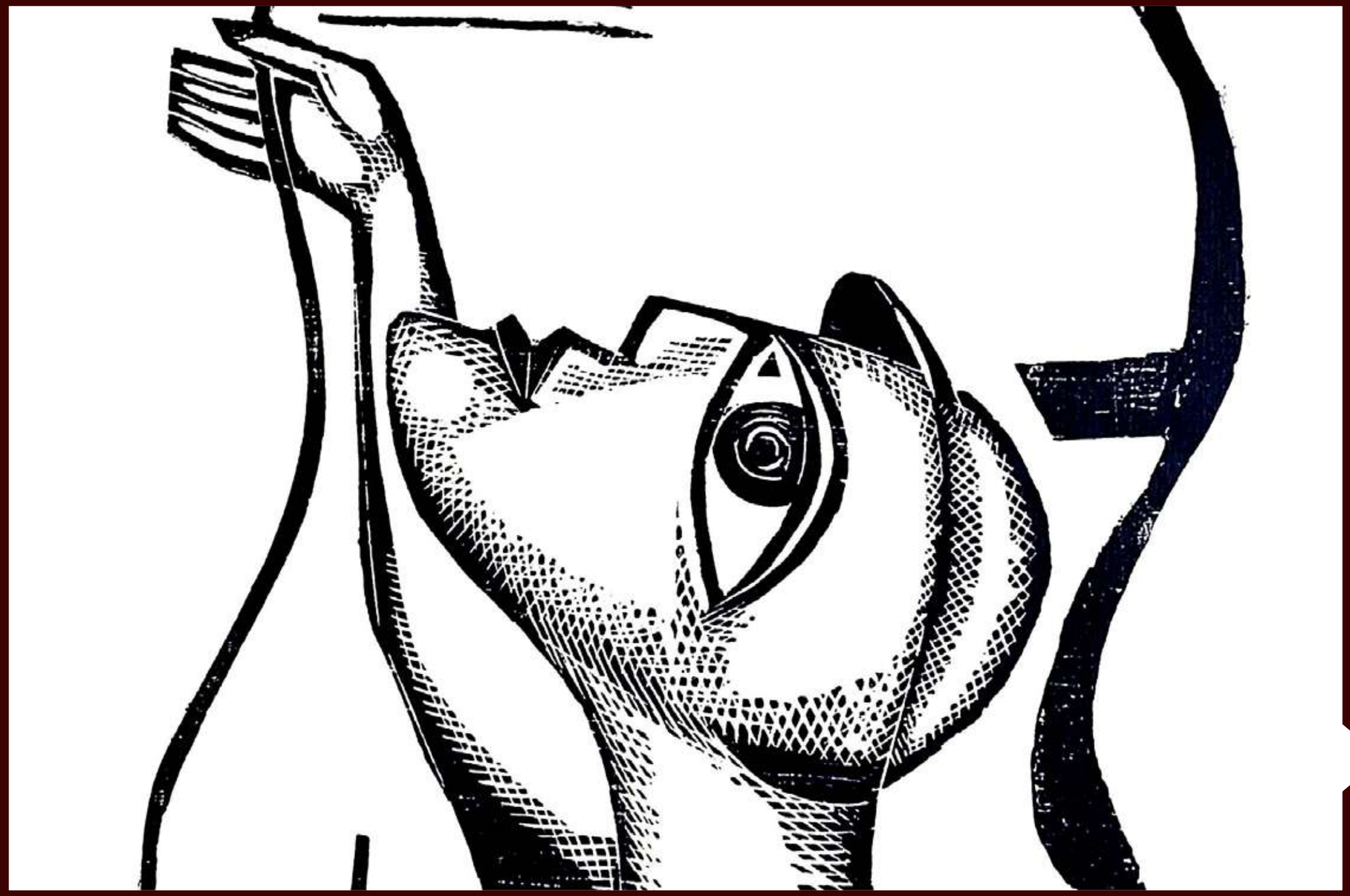
De certa forma, todos os escritores estão imersos no regional. É impossível desapegar-se do local e do tempo, marcadores da vida humana. Importa saber, no entanto, se a inclinação é ou não intencional. No primeiro caso, estamos diante do regionalismo, uma deliberada estratégia de compor uma estética que transpira identidade; no segundo, porém, trata-se de carência de repertório. É possível cantar os encantos da própria vila e, ainda assim, dialogar com o mundo todo. Não é o cenário que determina o alcance da literatura, mas a capacidade autoral de criar situações humanas de identidade nas quais o leitor se perceba como partícipe da obra, jamais um mero observador. Ao confundir-se alhos com bugalhos, são publicados missais de toda a natureza.

Lado a lado, estão nesta edição especial o escritor Natalino Ferreira Mendes e Ciro Fernandes. Ambos de sertões brasileiros sempre distantes, hostis ou idílicos, a depender da pena e do pincel dos artistas. Mais regionalista do que isso? Impossível. Contudo, ao leitor mais atento se impõem duas observações: a deliberada ação em retratar sua terra e a capacidade que ambos apresentam no intercâmbio imagético. A primeira nota é muito evidente. Basta ler o autor e mirar o artista: constroem solenidade através das vestes talares da paróquia. Quanto ao diálogo, comprova-se por exclusão: se não fosse possível, as xilogravuras de um jamais poderiam conviver com a literatura do outro. Dá-se o oposto: é goiabada com queijo!

Daí mordemos o rabo e retornamos ao início: para o talento, qualquer estética é uma opção. O que assegura a perpetuação da leitura é a capacidade de comunicação e os sentimentos produzidos pela estrutura imaginada. Porque, no fundo, nada é real no plano artístico, tudo é fruto da ficção. O filtro é o ser humano. Quanto mais sensível, maior será a atenção que dará ao aspecto dramático, patético, trágico, lírico etc. O contrário também é verdadeiro: a fixação na mera composição de cenário pode indicar incapacidade de inserir a complexidade humana na obra, mantendo a arte às margens do pictográfico, do meramente descritivo.

No Brasil, a literatura não supera um antigo dilema. Ao buscar a verossimilhança, depara-se com a incapacidade de tradução estética do real. Sobretudo por quem dele se evadiu a perseguir um padrão exógeno de cultura. O conflito é um desdobramento lógico, inadequação estrutural imposta a si mesmo, seja pela autocensura, seja pelo interdito à produção alheia. É como calçar um sapato italiano à cata de caranguejos no mangue. Ou ainda, como viajar de chapéu, botina e gibão para comer na boulangerie francesa. Sem dúvida, o céu é o limite, mas o chão é a coerência. Disso tudo, resultou um complexo de autoafirmação: o que deve fazer um escritor para atestar sua brasilidade? Tudo o mais que passe ao largo dessa pauta cheira à traição.

O serviço militar impõe jurar a bandeira. Na literatura, porém, esse juramento compulsório está feito há dois séculos. Escritores de todas as regiões aprendem que devem amar à pátria em primeiro lugar. Antes de encostar no papel, uma missão já está traçada. É uma forma de adestramento intelectual. Dos barrocos aos modernistas, dos românticos aos contemporâneos, a maioria dos recrutas coloca-se em ordem diante das muitas bandeiras que foram criadas. Atenção, escritores! Sentido! Ao som de pífanos, ou gaitas, ou ganzás, ou mochos, marcham elaborando a eterna nacionalidade. Ganha patente quem melhor representar a identidade brasileira. Nesses quarteis literários, quem chega a general reformula a ordem do dia. Mudam-se os dias, mas não as ordens. Como se vê, a arte também é uma forma de poder, onde há oscilantes hierarquias, trincheiras fundas e rasas e, sobretudo, armas de repetição automática.



SUMÁRIO

2 Editorial
6 Natalino Ferreira Mendes
22 Neuza Benedita da Silva Zattar
32 Aparecida Cristina da Silva Ribeiro
44 Ciro Fernandes
48 Olga Maria Castrillon-Mendes
Maria Elizabete N. de Oliveira
60 Jocineide Catarina M. de Souza
70 Edson Flávio Santos
78 Sandro Miguel da Silva Paula

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Artista Visual Convidado: Ciro Fernandes
Colaboradores desta edição: Natalino Ferreira Mendes, Neuza Benedita da Silva Zattar, Aparecida Cristina da Silva Ribeiro, Maria Elizabete Nascimento de Oliveira, Jocineirde Catarina Maciel de Souza, Edson Flávio Santos, Sandro Miguel da Silva Paula, Olga Maria Castrillon-Mendes
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

PÁSSARO VIM-VIM

Ele chega de improviso
assobiando sôfrego
- “vim...vim...”
repetidamente

Minha mãe dizia emocionada,
mudando levemente o trino:
- “vem...vem...” está cantando,
alguém vai chegar...

Quem será?
Um filho ausente?
amigo
ou parente?

A avezita não diz quem
ou o que está para chegar.
Pode ser também
apenas uma carta,
que o correio vai trazer...

O tempo passou,
o mundo mudou,
eu mudei...

mas o pio do “vim...vim...”
não variou.
É sempre o mesmo
não importa que a modernidade
lhe tirou o encanto
das mensagens cifradas
que trazia aos lares crentes
de antigamente.
Insiste... anunciando
- no seu pio -
que algo novo virá
nas asas da esperança.

(*Pássaro vim-vim*, 2010, p. 12-13)

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

CÁCERES: PRINCESA DO ALTO PARAGUAI

Descia o Rio dos Paiaguás
princesa linda das terras diamantinas
do alto Paraguai.
Vinha de longe, muito longe,
num airoso barco ornado
De Vitórias-Régias...
- Seu nome ninguém sabe.

Encantada com a visão
das terras que se espraiam
desde o rio
até a Serrania Azul
do lado que o sol nasce,
À praia abicou
no ponto em que o Paraguai
graciosa curva descreve
antes de procurar o sul.

Caía a tarde merencória...
A princesa, admirada,
quedou-se a contemplar o maravilhoso pôr-do-sol
que da margem do rio
se aprecia.
Em êxtase ficou
Voltada para o poente...
Alguns naturais acorreram
e, plantando suas choças
de folha de palmeira,
fizeram-lhe a corte.

Assim nasceu Cáceres,
a princesa do alto Paraguai.

Até hoje, pelas cercanias
da cidade, na estação chuvosa,
As Vitórias-Régias
das enseadas e baías
cobrem-se de flores,
relembrando a viagem da princesa peregrina
do alto Paraguai.

(*Anhuma do Pantanal*, p. 16)

RIO PARAGUAI

Desce sobre a cidade de Cáceres
como se a quisesse envolver
num longo e terno abraço.
Vem do Norte, procurando o Sul.
Olha para o nascente - orlado
pela Serrania Azul,
e avança, para em curva graciosa
banhar o litoral onde Albuquerque
lançou os fundamentos do povoado
que da rainha Lusa o nome herdou: - Vila Maria.
Vem da região do ouro - Diamantino.
Deixa a metálica riqueza
para a grande marcha fecundante
através das terras cacerenses
até o Prata
no seio do pujante Paraná.
Vem do antigo reino Parici
no planalto divisor das águas
amazônica e platina.

Choram os olhos D'água das Sete Lagoas
e a linfa corre,
busca o Amolar,
ramo principal do Paraguai.
Recebe o ribeirão do Ouro,
colhe o Brumado, o Sant' Ana,
Jaucoara e o Bugres.
Entra-lhe o Sepotuba cristalino à direita.
As águas se entrechocam,
remoinham, esbravejam...
Fundem-se por fim suas correntes
para serem um só rio,
mais forte, mais belo e navegável.
Do reino dois antigos Cabaçais
mais um tributário lhe entra pelo flanco,
e, agora, soberbo, o Paraguai
procura a Urbe de Albuquerque.
Longamente a contempla bem de frente,
depois, virando-se à direita,
seu casario ribeirinho espelha
no cristal do líquido potável.
Lá no fundo, a Serra Azul, a Ponta do morro,
- sinal da natureza cacerense!
A mesma Serra donde o sol desponta
para no fim do dia mergulhar por trás do rio
no Ocidente.
Nesse instante, do porto da cidade,
o mais lindo cenário se aprecia
das nuvens que, em rubras cores cambiantes,
a agonia do Sol em si revelam...
e Sol e nuvens, em turbilhão de cores,
o rio manso em seu cristal reflete.

Mas o rio é vida, que não pára.
O Jauru, logo abaixo, mais água lhe fornece
para alagar a imensa planície de Jaraies,
chefe índio,
e formar o Pantanal.

(*Anhuma do Pantanal*, p. 18-19)

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

PONTA DO MORRO: SINAL DA TERRA CACERENSE

Os séculos e os elementos da natureza caprichosamente te esculpiram, ó Ponta do morro, na linha da serrania azul que serve de pano de fundo da cidade de Cáceres. Constituis um sinal da nossa urbe e bem ficarias num cartão-postal da terra de Albuquerque.

Admirável é a localização do nosso centro urbano: a oeste, o rio Paraguai majestoso na sua beleza natural; ao nascente, a serrania que, paralela a este importante curso d'água, dele recebeu o nome: Serra do Paraguai. No meio, a cidade, que nasceu humilde e hoje se expande para o norte, sul e para leste. Bem defronte, a Ponta do morro, corte maravilhoso da Serra mais alta para seguir o nível da mais baixa, compondo um sinal ou marca da natureza, como se no princípio fosse dito: "Aqui há de surgir uma cidade. Um homem de larga visão, vindo da Corte portuguesa a fundará, e, graças ao rio que lhe banhará os pés, será um porto aberto para o mundo..."

Muitos anos de isolamento sedimentaram-lhe a cultura, hoje enriquecida com a presença de brasileiros de outros estados. É chegado o tempo de Cáceres ocupar o lugar que lhe compete no contexto de Mato Grosso e do Brasil.

Acostumados com o panorama que nos cerca e preocupados com o viver cotidiano, não percebemos o símbolo da terra cacerense esculpido na serrania azul do lado que o sol nasce.

(*Memória cacerense*, 1998, p. 34).

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

PIUVEIRA DO SANGRADOURO

Testemunha derradeira
da mata luxuriante
do vale do Sangradouro,
Vetusta piuveira
se erguia flabelante
na larga área franca
- hoje chamada
Praça Luiz de Albuquerque,
abaixo da Ponte Branca.

Tinha raízes profundas
em nossa memória crente.
Viu crescer a cidade
conviveu com nossa gente,
- isolada e feliz –
formando belo cenário
no ameno logradouro
da cidade de São Luiz.

Solitária e majestosa
vegetava em nosso meio,
presentes em todos instantes
aos olhos dos cacerenses
e dos nossos visitantes.

Na sua copa viridente
cantavam os passarinhos
em delicadas nuanças.
À tarde, no mesmo porto,
vinham banhar-se as crianças.
O Sangradouro lhe beijava
docemente os pés,
e os contornava,
colocando-a vistosa
numa ilha primorosa.

Leves embarcações
nas enchentes
às raízes exteriores
da grande árvore
se amarravam,
e no local faziam ponto
os vizinhos pescadores.

Na estação primaveril
a árvore todinha
de flores se cobria,
e a praça renascia
em nova forma
de beleza juvenil.

Quem passa hoje pela Ponte Branca,
já não vê
a píuveira centenária.
As águas do ribeirão
de tanto beijar-lhe os pés,
em constante erosão,
solaparam-lhe as bases,
e certa noite
(era fatal!)
dos ventos ao açoite
a velha árvore tombou
em pleno vigor
da sua força vegetal.

O lugar ficou vazio,
o largo triste,
desfigurado.
Mas sua imagem persiste
no cenário do passado.
...

Que no álbum da saudade
continue a piuveira
no mesmo lugar e no tempo

embelezando a cidade.

(*Pássaro vim-vim*, 2010, p. 12-13).

PIUVEIRA DO SANGRADOURO

Abaixo da Ponte Branca, na imaginação e no retrato, lá está ela – a Piuveira do Sangradouro, elegantemente plantada no centro do largo, hoje denominado praça Luiz de Albuquerque. Suas raízes se aprofundam no nosso remoto passado. Seria ela remanescente da mata do Sangradouro que meus pais diziam ter existido no vale desse córrego periódico. Isolada e majestosa a árvore permaneceu ali, desafiando as intempéries. O Sangradouro roçava-lhe os pés e os contornava, encurvando-se para a direita. Sombra e flores prodigalizava ela, além da beleza que exprimia no cenário da cidade, do lado da Ponte Branca.

Nas cheias, as embarcações pequenas a ela se atracavam e os pescadores ali faziam ponto, constituindo-se ainda um porto de banho das crianças.

A correnteza do ribeirão, com o passar dos anos, em lenta, mas inexorável erosão, enfraqueceu o terreno em que se plantara a árvore, e um dia, não se aguentou em pé e tombou... Caiu na pujança ainda da sua vida vegetal, deixando em seu lugar o vazio, que tão cedo não será preenchido.

Que fique, porém, a sua imagem no cenário do passado... e quando se abrir o álbum de recordações de Cáceres, ela esteja no seu lugar e no seu tempo, dando sombra e flores, caracterizando uma parte da cidade.

(*Memória cacerense*, 1998, p. 69).

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

Neuza Benedita da Silva Zattar é professora aposentada e atua no Programa de Pós-Graduação em Linguística/PPGEL/UNEMAT/Cáceres. Escreve textos na perspectiva da Semântica da Enunciação e crônicas biográficas. Obras publicadas: *Do IESC à UNEMAT*: uma história plural: 1978 (2008); *Os sentidos de liberdade do escravo na constituição do sujeito da enunciação* (2012); *Do sítio povoado à margem do Paraguai à cidade de Cáceres:* 237 anos (2015). Organizou a reedição do livro *Um trecho do Oeste brasileiro*, de Gabriel Pinto de Arruda (2021). É Sócia Efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres/IHGC.

NATALINO FERREIRA MENDES: MEMORALISTA E POETA

Há escritores que são dotados da arte de escrever memórias e poesias, como é o caso de Natalino Ferreira Mendes, o mais conhecido escritor de memórias do município de Cáceres e um dos maiores de Mato Grosso, cujos escritos projetam os feitos de pessoas ilustres da história nacional, estadual e municipal, e de pessoas comuns, homens, mulheres e crianças, que interpretam cenas da vida cotidiana ambientadas na cidade de Cáceres. Como poeta, o seu eu lírico transversaliza temas monumentais e os animais, especialmente, os pássaros, e tal como estes, livre, voam alado, construindo versos inspirados na voz de seu coração e no amor pela sua terra natal.

Para o objetivo que propomos, extraímos dois recortes, um do texto 'A fixação do homem na terra', publicado na obra *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* (2021) e outro da poesia 'Pássaro Vim-Vim', divulgado em *Pássaro Vim-vim* (2010).

ANÁLISE DOS RECORTES

Recorte 1 (R1).

> O homem que aqui se fixou revelou desde cedo, as suas tendências modeladas pelas energias do meio físico a que se adaptou. Tornou-se ele o trabalhador rural, o agregado, o vaqueiro, o canoeiro, o boiadeiro, o tropeiro, o peão, o carreiro, o pescador, e continuando, o seringueiro, o caçador de animais silvestres e, sobretudo, o poaieiro, que sustentou rendoso comércio por muitos anos em nosso município. (MENDES, 2021, p. 63).

Uma das preocupações do memorialista Natalino Ferreira Mendes são os temas históricos e sociais que têm como protagonistas a cidade de Cáceres e o homem em suas múltiplas faces, a partir de sua fundação. O recorte em questão trata-se de uma história memorialista que evoca o memorável das profissões dos primeiros trabalhadores rurais, e que retorna no presente do acontecimento do texto (R1), projetando novas interpretações. O conjunto de designações profissionais resgata e faz significar o homem no seu cotidiano para se autossustentar e contribuir para a sobrevivência de outros. Por essa narrativa, o memorialista reconstrói algo que ficou no passado e visa a traduzir a emoção que o fato lhe provocou, conferindo ao seu texto sua veia primordialmente ficcional. (SILVA, 2016).

Recorte 2 (R2)
Ele chega de improviso
Assobiando sôfrego
– "vim...vim..."
Repetidamente.
[...]
Mas o pio do "vim...vim..." não variou
É sempre o mesmo
não importa que a modernidade
lhe tirou o encanto
das mensagens cifradas
que trazia aos lares crentes
de antigamente
Insiste... anunciando
– no seu pio –
que algo novo virá
nas asas da esperança[...]

O poema 'Pássaro Vim-Vim', um dos mais declamados e citados em trabalhos acadêmicos, foi criado como o mensageiro das boas notícias que assobia a cada pio *vim...vim...* Este pássaro toca a alma do autor que o descreve como o *vim-vim* que voa livre entre os lares, identificado pelo inesquecível assobio.

Observando os lugares de criação de Natalino Ferreira Mendes, é possível dizer que na produção memorialista, as memórias são reconstruídas e tecidas pelo autor, e na poesia, a voz poética do criador voa e transcende a natureza física das coisas que são de todos, e ambas revelam uma formação social que se movimenta no centro das transformações culturais e científicas vivenciadas pela sociedade de cada época.

REFERÊNCIAS

MENDES, Natalino Ferreira. *Pássaro Vim-vim:* poesia da terra. Cáceres/MT: EdUNEMAT, 2010.
MENDES, Natalino Ferreira. *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória*. Olga M. C. M. (Org.). Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2021.
SILVA, Sheila dos Santos. *Memorialismo*: ficção, história, literatura revisão teórico-crítica. Revista *(Entre Parênteses).* Conexão de Saberes. Letras, UFA, v. 2, n. 5, 2016.

ANHUMA DO PANTANAL

Um grito ecoa
estridente,
na calada da campina alagadiça.
- Atenção bicharada,
estranho penetrando em nosso espaço!"
É o grito da Anhuma
empoleirada em alto galho
num capão de mato em meio ao campo aberto.

Novo grito, sinal de que o desconhecido
mais penetra em seus domínios.
E quando mais perto chega o intruso,
alça o voo o alado guarda
em busca de outra árvore
mais longe,
gritando sempre,
como se dissesse:
- "quem puder se salve!"

A essa hora a caça esquiva
já procurou outras paragens
mais seguras,
escapando ao caçador.

Para mim, ave do pantanal
da minha terra,
teu grito sem sentido diferente.
É um encantamento
que me conduz ao longo do passado,
despertando, lá da infância,
a primeira Anhuma
que escutei
à beira da baía do Malheiros
nas vizinhanças da cidade.

Não morreu aquela ave
passados tantos anos!
Adormeceu, apenas...
E quando, hoje, uma irmã sua
canta,
lá desperta ela
com toda carga de recordações
que, na solidão da beira da baía,
mais se animam
e se aproximam...
como se tudo fosse um ontem.

Canta, Anhuma pantaneira,
tal e qual a vez primeira,
infante, te vi cantar.

Canta, canta, ave amiga!
Enche o ar de emoção
para que, no coração,
nunca morra
a Anhuma da minha infância.

(*Anhuma do Pantanal*, 1993, p. 28-29)

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

PÁSSARO POAIEIRO

Do alto Paraguai na mata escura,
Em que viceja a poaia negra e pura
No próprio campo seu,
Existe um ser alado, já lendário,
No qual o sertanista solitário
Valor reconheceu.

Na úmida floresta portentosa,
Campeia essa ave fabulosa
Que se chamou poaieiro.
Seu nome vem da ajuda que ela presta
Ao sertanejo crente, de alma lesta,
Ao másculo mateiro.

É uma ave esquiva e agourenta
Que mais dos grãos da poaia se alimenta
E a espécie dissemina...
O extrator da erva a tem em conta
De grande auxiliar, pois ela aponta
Da Ipeca a rica mina...

É um chamado bom, dessa ave, o pio,
Para o lugar da mata, o mais sombrio,
Mais úmido e feraz.
Na trama que as lianas trepadeiras
Teceram, luxuriantes reboleiras
Dão messe eficaz...

Precisamente nessas regiões
Em que vicejam férteis os fogões
Do arbusto feiticeiro,
Está, invulnerável, na tristura
Da úmida floresta fria, escura,
O pássaro poaieiro.

Na solidão, seu pio esperançoso
Parece que traduz, harmonioso,
O grito: - Poaia! Poaia!
O bravo sertanejo pára, escuta...
Naquele ser cansado pela luta
Um novo alento raia.

Bom pássaro poaieiro! Amigo certo
Do poaieiro homem que, decerto,
Contigo se irmanou...
Unidos, ave e homem, num afeto,
Procuram na floresta o mesmo objeto
Que Deus ali criou.

No místico silêncio do sertão,
Os dois, a sós, fiéis, cabal missão
Realizam à surdina:
Mantém a ave a planta ao solo presa;
O homem à ciência benfazeja
Entrega a emetina.

(*Anhuma do Pantanal*, 1993, p. 53-54)

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

VAPOR ETRÚRIA

Um longo apito ecoa sonoroso!
-Etrúria!... diz o povo emocionado.
Já o porto de gente está apinhado:
- Eis, na volta do rio, o barco airoso.

Anos mais de cinquenta, no passado,
Ligaste Corumbá, Vapor formoso,
À urbe de Albuquerque (nome honroso!)
- Único meio de transporte usado.

Assim, tanto de uniste à nossa vida
No abraço da chegada e da partida,
Que símbolo já eras da cidade.

Etrúria!... o Paraguai está vazio...
Fecharam-te o cais... Mas tu, navio,
Continuas vivendo na saudade.

(*Anhuma do Pantanal*, 1993, p. 59)

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

O ETRÚRIA VOLTANDO DO ESTALEIRO

Interpretando o sentimento cacerense, o jornal da terra, A Razão, de 18 de novembro de 1950, assim fala quando da volta da tradicional embarcação às atividades:

> Numa destas últimas manhãs, a cidade foi despertada com um apito tão seu conhecido. Era o Etrúria, o barco da cidade de Cáceres, que após alguns meses de estaleiro, regressava, garboso, para continuar a fazer a linha que, há mais de 50 anos, vem fazendo. Não há, acreditamos, quem, em Cáceres, não se julgue dono de um pedacinho do Etrúria!... Justifica-se, portanto, a nossa alegria, vendo o nosso vaporzinho e ouvindo o seu apito, que tantas recordações nos traz.

Em carta que nos dirigiu, em 1972, um dos ex-comandantes do navio, Sr. Victalino Ferreira Gomes, então residente em Corumbá, dizia-nos ele que esteve no comando da embarcação quinze anos. As viagens eram regulares, tanto nas cheias como na seca, e duravam cerca de cinco dias. Lembra de dois outros ex-comandantes, Salvador de Campos e Luiz Felipe Gomes, o conhecido Luiz Prático. Evoca, com carinho e com saudade o sonoroso apito da embarcação, a chegada a Cáceres, o povo que acorria ao porto, a atracação... Relembra a alegria dos encontros e a nostalgia dos semblantes das pessoas que se despediam dos parentes e amigos, nas partidas. Mas um dia o Etrúria se foi de Cáceres... e nunca mais voltou. Segundo o ofício nº 1646, de 25/10/1978, do Comando do 6º Distrito Naval de Ladário, o Vapor Etrúria foi transformado em lancha de apoio ao Serviço de Sinalização Náutica do Oeste, e é utilizado atualmente na verificação do balizamento e instalação de novos sinais no rio Paraguai e afluentes. O ofício acima citado foi dirigido à Prefeitura Municipal de Cáceres, em resposta à solicitação, que esta fez àquele Comando, de ceder o navio, no todo ou em parte, para figurar, em nossa cidade, como um marco importante da sua história.

(*Memória cacerense*, 1998, p. 199-200)

PÁSSAROS, CANTO E EXISTÊNCIA NA POÉTICA DE NATALINO FERREIRA MENDES

A tessitura poética de Natalino Ferreira Mendes capta olhares sobre o ser e a terra mato-grossense. Poesias da Terra! Assim são conhecidas as duas publicações de teor lírico do autor: *Anhuma do Pantanal* (1993) e *Pássaro Vim-Vim* (2010). Nessas obras, o olhar do poeta é lançado na vastidão e exuberância da terra natal, o verde das matas, o colorido dos pássaros da terra pantaneira, sobre o curso de águas tranquilas de rios e baías que compõem o espetáculo do pôr-do-sol cacerense. Sua escrita sensível descortina diante do leitor memórias fecundas da cidade, com monumentos históricos, sujeitos ilustres da terra e múltiplas identidades de sua gente.

Nos poemas, o leitor encontra uma multiplicidade de imagens que figuram entre o telúrico e os sentidos metafísicos da vida. O pássaro é um símbolo presente nas duas obras e representa o duplo canto (das aves e do poeta). Com seu canto/grito estridente, a anhuma, ave pantaneira, desperta na bicharada do Pantanal o alerta da chegada de intrusos ao espaço da natureza. Por outro ângulo, o canto da ave desperta no poeta uma carga (positiva) de memórias sobre a infância: "Para mim, ave do pantanal /da minha terra, /teu grito tem sentido diferente. /É um encantamento /que me conduz ao longo do passado, despertando, lá da infância, a primeira Anhuma /que escutei /à beira da baía do malheiros /nas vizinhanças da cidade". (*Anhuma do Pantanal*, 1993, p. 28)

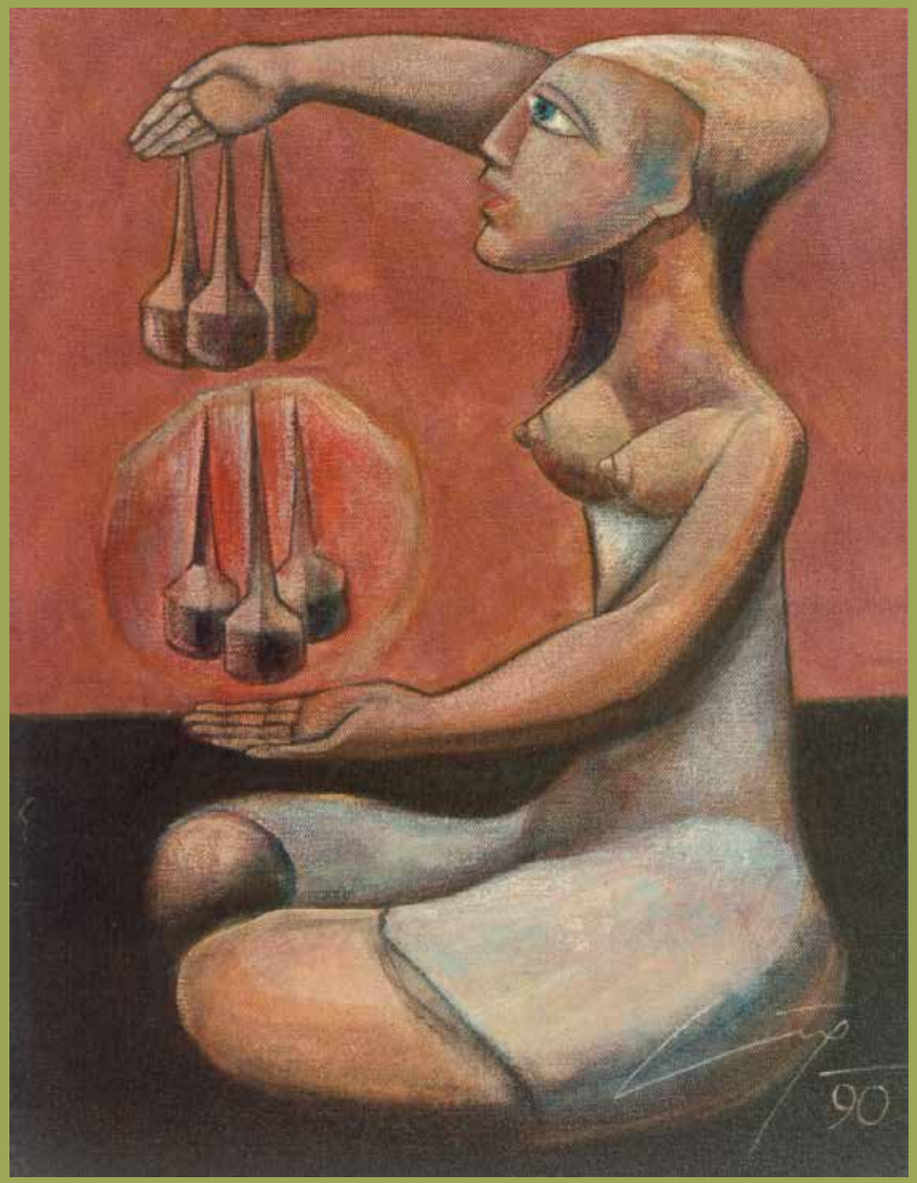
O canto da ave alça voos profundos que buscam reconstruir na memória do poeta lembranças do tempo de infância. Na poesia do autor, o pássaro é um mensageiro, símbolo de alerta e esperança. É a *Anhuma do Pantanal* que anuncia a presença de "intrusos" nas várzeas pantaneiras. E é também o canto do *Pássaro vim-vim* que anuncia a chegada de algo novo: "talvez uma carta, um parente, um amigo, ou um filho ausente". Não importa a passagem do tempo (ou a chegada da modernidade), o seu pio/canto anuncia a chegada de algo novo nas asas da esperança.

Percebem-se as relações entre tradição e modernidade numa explosão de sentimentos que chegam até o leitor através da metáfora dos pássaros. A liberdade, o voo e o canto/melodia representam, na voz do poeta, a subjetividade do ser e da vida. Vale dizer, "por meio do processo psíquico de associações que encontra relações entre o sentimento do presente, as recordações do passado e o pressentimento do futuro, entre os fenômenos da natureza cósmica e os atributos do ser humano" (D'ONOFRIO, 1995). Portanto, é através de voos e cantos que os pássaros mensageiros (anhuma e vim-vim) fazem a conexão entre passado/presente, tradição e modernidade, entre o ser e o tempo na poética do escritor.

REFERÊNCIAS

MENDES, Natalino Ferreira. *Pássaro Vim-Vim*: poesia da terra. Cáceres-MT: Editora UNEMAT, 2010.
MENDES, Natalino Ferreira. *Anhuma do Pantanal*: poesia da Terra. Passo Fundo/RS: Gráfica e Editora Pe. Berthier, 1993.
D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do Texto II*: teoria da lírica e do drama. São Paulo: Editora Ática, 1995.

Aparecida Cristina da Silva Ribeiro
É professora com experiência docente no Ensino Superior e na Educação Básica. Graduada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Cáceres. Fez Mestrado e Doutorado pelo PPGEL/UNEMAT - Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Campus de Tangará da Serra. Possui artigos publicados em Revistas e Coletâneas de circulação nacional.



BÚSSOLA

Aparelho original
 - a bússola.
Dentro da lâmina imantada,
em forma de losango,
aponta perenemente
os pólos magnéticos do planeta,
dando ao viajante terrestre
ou ao nauta no mar
- segura orientação.

O coração,
como a lâmina da bússola,
- divinamente imantado –
indica
o alfa e o ômega
- princípio e fim do existir –
entre os quais o homem
desempenha o papel
que lhe compete
no grande palco da vida.

(*Pássaro vim-vim*, 2010, p. 39)

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

O SAPO

Animal deformado, feio, imundo,
É por todos o sapo repelido
Por temor do seu cuspe nauseabundo,
A só defesa de que foi munido.

Insensível ao nojo que ao mundo
O seu corpo vil causa, escondido
De uma toca escura ao tredo fundo
O sapo vive, enquanto o sol temido

No céu vai... Mas apenas uma estrela
Vê brilhar, são o sapo procurando
Os insetos na beira da baía

Nessa hora (é doce percebê-la!)
Rompe, em coro, dos sapos todo o bando,
Produzindo uma triste sinfonia.

(*Anhuma do Pantanal*, 1993, p. 61)

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

COLÉGIO SANT'ANA

A 6 de fevereiro de 1935, pela lancha Itajay, chegava a Cáceres o Sr. Generoso Alves Corrêa, acompanhado de sua numerosa família, fixando residência no casarão que havia na Avenida 7 de setembro, esquina com a rua Padre Casimiro, onde é hoje o Hospital São Luiz. Dentre suas filhas, duas eram exímias professoras, as senhoritas Ida e Hebe Alves Corrêa. Logo após a chegada, as duas moças trataram de abrir uma escola que funcionou em dependências da casa de morada da própria família. Assim, no mesmo mês, no dia 17, pelo jornal Fronteira, já anunciava, a que seria a diretora da referida escola, Sta. Ida Alves Corrêa, a abertura de matrículas, marcando o início das aulas para os primeiros dias do mês de março do mesmo ano. O novo estabelecimento recebia alunos de ambos os sexos para os cursos primário, de admissão ao ginásio, e também para o curso secundário, ministrando neste as matérias: português, geografia, aritmética, francês e desenho, com aulas uma vez por dia para cada curso. O ensino primário seria ministrado de acordo com o programa oficial e as mensalidades foram estipuladas da seguinte forma:

Curso primário: 1º ano – 5$000; 2º ano – 6$000; 3º ano – 7$000; 4 ano – 8$000.

Curso de Admissão – 10$000; curso secundário – 20$000.

Tivemos, assim, em 1935, nova tentativa de se fundar em Cáceres um ginásio, que, como sabemos, só foi concretizado em 1948. Outras tentativas houve: no início do século, com o professor Demétrio Costa Pereira; e, na década de 1920, por uma associação formada para esse fim.

O Colégio Sant'Ana funcionou regularmente, e ganhou fama, até 1941, quando a família Alves Corrêa se mudou para Campo Grande em busca de mais amplos horizontes. A contribuição, porém, que deram a Cáceres aquelas moças inteligentes, na área da instrução, não pode ser esquecida. Precisa, ao contrário, fixar-se, no devido espaço e tempo, na história da nossa terra. Muitos ex-alunos devem àquela escola a base de sua formação. (Memória cacerense, 1998, p. 122-123)

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira
É Doutora em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT. Livros publicados: *Educação Ambiental e Manoel de Barros*: diálogos poéticos. São Paulo: Paulinas (2012); *Asas do inaudível em luzes de vaga-lume*. Cuiabá/MT: Carlini & Caniato (2019), *Sinfonia de Letras*: acordes literários com Dunga Rodrigues. Paraná: Appris/2021; Participação em diversas coletâneas literárias (poesia), entre elas: *Conexões Atlânticas* (2020); *Mulherio das Letras Portugal* (2020-2021); *O livro das Marias III*: uma força sublime (2021). Membro do Grupo de Pesquisa: *Poesia Contemporânea de Autoria Feminina do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste do Brasil* - GPFENNCO-UNIR/CNPQ. Professora de língua portuguesa, atuando na Diretoria Regional de Educação/DRE-CEFAPRO em Cáceres/Mato Grosso-Brasil.

Jocineide Catarina Maciel de Souza
É quilombola Pita Canudos, possui graduação em Letras (2009) e Mestrado em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2014). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários PPGEL/UNEMAT (2021). Componente do Grupo de Pesquisa em Poesia Contemporânea de Autoria Feminina do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste do Brasil - GPFENNCO-UNIR/CNPQ. Professora de língua portuguesa, atuando como formadora no DRE/CEFAPRO em Cáceres/MT. Bolsista do Programa de Apoio à Pós-Graduação da Amazônia Legal Edital 013/CAPES. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura mato-grossense, historiografia literária, Literatura de Autoria Feminina, literatura e ensino, letramento literário, literatura afro-brasileiras e Poéticas orais. É membra fundadora (2017) do Coletivo de Mulheres Negras de Cáceres/MT.

ARQUEOLOGIA POÉTICA EM NATALINO FERREIRA MENDES

Sem a pretensão de explicar o termo arqueologia, trazemos a casa poética cuidadosamente construída por Natalino Ferreira Mendes (1924-2011) onde podemos escavar artefatos que contam histórias da cultura do povo cacerense/mato-grossense e que talvez não estejam em documentos e/ou registros documentais porque arquitetada, também, com sentimentos e com emoções de um *pássaro* que soube sobrevoar os costumes, ambientes e modos de vida de seus antepassados, como um arqueólogo que não busca resposta, mas que deixa sentidos sobre ruínas e artefatos que compuseram a memória de nossa sociedade. Nesse sítio arqueológico decorado com poesia, generosidade e apreço, o poeta une fios literários, históricos e culturais.

Contemplar a casa Natalina é se aventurar pelos fósseis da cultura cacerense com brilhos originais, selecionados por espaços percorridos, de mãos dadas com um arqueólogo poeta que apresenta as imagens primordiais de um tempo que transpõe a lógica da razão e produz devaneios poéticos. A oferta é, portanto, movida pela lógica do amor, como diria Rubem Alves, e isto se chama poesia. Assim, *Natalino poeta, Natalino educador, Natalino historiador,* entre outras identidades que assumiu durante a vida, traz a linguagem do corpo. E o corpo, só entende a linguagem da poesia e, assim, se fez casa poética, abrigo, onde a cultura não morre jamais, permanece intacta protegida pelas paredes da casa original.

Ao lançar adjetivos ao poeta, inferimos que o ser humano é a junção das várias identidades que assume durante a existência e, portanto, não é possível lê-lo, apenas, na dimensão supérflua do alicerce da casa; é necessário o passeio atento pelo porão, compreendendo que: "[...] os pensamentos do corpo não formam um sistema coeso. Divagam, flutuam. Associações livres. Ele se deleita nas peças do quebra-cabeça, isoladamente, soltas, desencaixadas" (ALVES, 2014). Com isto sendo dito, salientamos que se trata apenas de uma degustação poética sobre os fios de uma existência que se faz viva e passível de contemplação na/pela palavra. Cabe ao leitor, observar os objetos da casa e juntá-los, se quiser, ou simplesmente saborear cada um deles separadamente, no paladar de seus mistérios. Lembrando que o maior desejo da razão é dominar o objeto por meio da compreensão que, muitas vezes, engaiola a vida. No entanto, o anseio do corpo é *fazer amor* com seu objeto. Assim, "o corpo só pode lidar com o mundo em pequenos pedaços. É precisamente por isso que ele é sábio" (idem, p.34). Portanto, trata-se de uma construção que brinca com os elementos do mundo externo, a partir do conhecimento do interno, com uma dose generosa de memória e subjetividade.

Ao considerar esses elementos, viajamos pelas palavras que compõem o poema *Pedagogia,* que apresenta tanto a organização de ensino de determinada época da história do ensino formal na cidade de Cáceres, quanto as informações e percepções do poeta a respeito da estrutura organizacional do ensino formal nessa cidade, como se vê em Pedagogia: "Nas pesquisas arqueológicas /do termo passado, /em cada camada da história /vamos descobrindo/preciosidades /ali conservadas. /Lá estão, por exemplo,/no correr do século dezenove, /duas ruas /com focos luminosos: /rua Formosa / onde funciona a escola pública /do sexo masculino, /e rua Augusta,/onde vozes infantis, /se ouvem / da escola oficial/do sexo feminino.../Assim era o ensino na cidade /de São Luiz. /A pedagogia de então /recomendava /a educação escolar /com escrupulosa separação dos sexos. /Essas escolas mais tarde /se uniram /para formar /a tradicional casa de ensino público /da nossa terra /- o Grupo Escolar Esperidião Marques". (*Pássaro vim-vim*, 2010, p. 49)

Já no primeiro verso, o poeta chama atenção para a importância do revisitar a história, a fim de descobrir as preciosidades que se encontram apagadas pelo tempo, "Nas pesquisas arqueológicas do tempo passado em camada da história vamos descobrindo preciosidades ali conservadas".

A segunda estrofe exibe a separação de gêneros que existia no início do ensino formal na cidade, bem como especificando o nome da rua em que se situavam as respectivas escolas. O poeta apresenta o nome da Rua da Escola pública do sexo masculino, Formosa e a Rua Augusta, da Escola oficial do sexo feminino, *onde se ouvem vozes infantis*. A reticência ao final dessa estrofe nos incita a pensar que o poeta teria algo mais a dizer sobre esta separação, bem como sobre a diferenciação entre escola *pública* e escola *oficial*.

A terceira estrofe oferece o pensamento do poeta sobre a divisão por gênero: "A pedagogia de então recomendava a educação escolar com escrupulosa separação dos sexos". Fator que complementa a estrofe anterior, mas que não preenche o sinal de reticência deixado pelo poeta. Nessa estrofe, Mendes evoca a memória, especialmente ao apresentar o antigo nome da cidade: "São Luiz", que remete a Luiz Albuquerque Pereira e Cáceres, fundador da cidade. Somente tempos depois, o nome da cidade foi alterado para Cáceres.

O poeta aborda que as duas escolas se fundiram na formação da "tradicional casa de ensino público da nossa terra, recebendo a denominação de *Grupo Escolar Esperidião Marques*"[1]. Se remetermos a casa ao sentido traçado por Gaston Bachelard (2005), de intimidade, de aconchego, será possível compreender que outro ensino começava a se delinear na cidade, mais justo e promissor.

Assim, sabedoras da nossa *inconclusão* diante da amplitude do cosmo, com a utopia de que outras cortinas se abram para dar continuidade ao espetáculo, proveniente das palavras literárias do *pássaro/poeta,* fechamos por ora, as cortinas. No entanto, fiquem atentos porque embora a arqueologia poética de Natalino Ferreira Mendes seja produzida num espaço local, ela ultrapassa as fronteiras e nos assegura que a casa da literatura se apresenta com portas e com janelas sempre abertas ao mundo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Um mundo num grão de areia*: o ser humano e seu universo. Campinas, São Paulo: Verus, 2008.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço.* São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MENDES, Natalino Ferreira. *Pássaro vim – vim: poesia da terra*. Cáceres-MT: Editora UNEMAT, 2010.

1 Unidade de ensino fechada por decreto do governador do estado de Mato Grosso em 2020.

Ciro Fernandes
Artista Convidado

BIOGRAFIA

Ciro Fernandes, nasceu em Uiraúna, no sertão da Paraíba, em 31 de janeiro de 1942, em plena Segunda Grande Guerra. Ainda criança, desenha em madeiras e nas paredes da casa dos avós. Os bicheiros da cidade usam figuras desenhadas por ele para fazer o jogo e anunciar os resultados. A seca de 1858 empurra Ciro, com 16 anos, para a casa da tia, em Natal (RN), onde trabalha como cobrador de ônibus e soldador mecânico. Dois anos depois muda-se para São Paulo, e ganha a vida como operário e pintor de paredes. Em 1961, chega ao Rio sem dinheiro ou conhecidos, e sustenta-se pintando bois em açougues e cartazes de preços para o comércio. A evolução foi trabalhar em agências de publicidade onde ocupou o cargo de diretor de arte em três delas. Foi também ilustrador do Jornal do Brasil e O Globo.

A arte de Ciro é a identidade dos folhetos de cordel, publicações artesanais de histórias em rimas, que ele ajudou a transformar em singelas obras de arte. Sugeriu trocar as fotografias que ilustravam as capas por xilogravuras. Estava complementada em imagem o talento dos cordelistas. De uma simplicidade cortante como as goivas que usa para entalhar a madeira, Ciro transforma técnicas e conceitos da arte. Suas obras fazem parte de acervos importantes como o do Museu Nacional de Belas Artes. Ele também ilustra livros de autores como Raquel de Queiroz, Orígenes Lessa, Gilberto Freire, Autran Dourado, Ferreira Gullar, José Lins do Rego e Ana Maria Machado. Assina também capas de discos como o de Zé Ramalho e de um CD do cantor e compositor paulista Sérgio Ricardo que musicou o cordel "Estória de João Joana", de ninguém menos do que Carlos Drummond de Andrade.

É o único ilustrador a receber o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, pelo trabalho no livro "Cordelinho" de Chico Salles – e suas obras se espalham por paredes e coleções. Sua xilogravura é a face mais aparente do seu enorme talento que transborda também em telas.

Às vésperas de fazer 80 anos, Ciro produz como nunca, no seu ateliê/apartamento na Lapa, zona boêmia do Centro do Rio, animado com as relações reinventadas pelas redes (@cirofernandesxilo e www.cirofernandes.com.br).

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

POESIA

Uma gota de luz desceu sobre a finita
Matéria, ao frágil corpo humano dando alento,
Onde incendido o sangue em convulsão se agita,
Proporcionando a vida em pleno movimento.

Formou-se então o ser... e daí, da bendita
E nobre união, com o insondado intento,
Aflora-se e procura alcançar a infinita
Esfera sideral, o humano pensamento,

Que, anelante, sonda a razão da existência.
Luta o homem, e só, no decorrer da vida,
Cruas dores curtindo e lágrimas vertendo.

O coração se agita, e dele, com frequência,
Irrompe ainda quente e úmida, sentida,
A poesia, que é luz, a vida enaltecendo.

(*Pássaro vim-vim*, 2010, p. 7)

MÚSICA

Abençoado lenitivo desta vida,
que, mesmo curta, nos encanta,
a música tem o condão
de acender na gente
indefiníveis emoções.

Músicas há inumeráveis
que nos extasiam
e nos elevam o espírito.
Há as preferidas nossas,
aquelas que exprimem o estado d'alma do autor
e se afinam com a nossa sensibilidade,
convidando-nos a viajar no tempo,
revivendo fatos
da nossa própria história,
que bem ou mal elaboramos.
Dizemos, então, que tal música
é a nossa predileta,
porque serviu de sonoro fundo
num tempo e num lugar,
para uma das cenas da nossa vida.
Sempre que essa música ouvimos,
o quadro antigo à nossa mente volta,
revestido de saudade.

Tu, Música, no teu ritmo e harmonia,
- eloquente ou lírica –
Só podes ser divina,
ao lado da irmã-gêmea – a Poesia.

(*Pássaro vim-vim*, 2010, p. 68)

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

PAI CONGO

Havia um córrego,
conhecido
como córrego do Pai Congo,
na região da Morraria cacerense.
Rondon a ele se refere,
nas suas memórias,
ao atravessá-lo
na marcha que empreendeu
de Cáceres ao Jauquara,
logo após a inauguração
da linha telegráfica
até a cidade de Mato Grosso.

Córrego do Pai Congo,
seria o primitivo nome
do nosso turístico
Piraputangas?
O grande sertanista não deixou resposta

Mas a imaginação nos faz crer
que nessa passagem do curso d'água,
em priscas eras,
vivia
algum descendente de escrava gente;
e com o fundador,
notável se tornou na vizinhança,
merecendo o nome protetor de pai.

(*Pássaro vim-vim*, 2010, p. 50)

Edson Flávio Santos
É cacerense, doutor em Estudos Literários, pesquisador e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários PPGEL/UNEMAT. É autor de *Aldrava* (2020) e *Utopias e resistências na obra de Pedro Casaldáliga*: escritos escolhidos (2021). Escreve desde quando descobriu seu amor pela poesia.

A FÉ QUE SE FEZ VERSO: POESIA E RELIGIOSIDADE EM NATALINO FERREIRA MENDES

A oração rompe os lábios
Para fazer ligação
Do tempo com a eternidade
(*Anhuma do Pantanal*, 1993, p. 46)

Poesia é palavra que testemunha a fé. No caso de Natalino Ferreira Mendes uma fé que se revela na crença ao sagrado. A forma poética da oração religiosa é tão antiga quanto a própria poética e nem por isso deixa de guardar relações importantes entre si. O eu-lírico crê na existência de Deus e intenta conectar-se com esse ser transcendente através de gestos de reconhecimento e honrarias.

Segundo Hilda Magalhães (2001, p. 313) um determinado período da literatura produzida em Mato Grosso, ainda que "caudatária do parnasianismo e do romantismo" já produzia, ao seu modo, "alguma estética criadora". Nesse sentido, Natalino Ferreira Mendes, com seus dois livros de poemas *Anhuma do Pantanal* (1993) e *Pássaro vim-vim* (2010), de acordo com nossas análises iniciais, revela-se um autor multitemático como que percebendo todos os influxos da primeira metade do Século XX. Não há quem não se debruce sobre mais de uma centena de poemas e não chegue à conclusão de que a cidade de Cáceres, sua Terra, é o grande motivo condutor de sua produção. Através de vivências, construiu-se de robusta formação religiosa. Seus ideais humanos se coadunam com os cristãos. Ambos são importantes e se destacam na poética, constituindo a "situação-gênese" da poesia. Utilizamos o termo cunhado pelo crítico Emil Staiger na obra *Conceitos e Fundamentos da Poética* (1997), que afirma não ser apenas o componente estético que imprime beleza à poesia, mas, principalmente, a força que a provocou e que essa poesia carrega dentro de si. Uma força que salta dos versos do poema "Arte":

Arte... gotas do sobrenatural vazadas
No coração do homem...
Rosa cujas raízes têm no infinito
A sua fonte de energia...
Mística pérola de luz oculta
No coração do homem...
Incentivo bendito ao espiritualismo.
Certidão da existência da luz de Deus
Junto ao nosso corpo material...
Atração do pensamento humano
Para a região sem mancha da beleza.

(*Anhuma do Pantanal*, 1993, p. 47)

Nos versos acima é possível compreender a crença do eu-lírico em uma dependência sobrenatural da *práxis* criadora e da arte como dádiva entregue aos homens pelo beneplácito de Deus. É a impotência humana que necessita do auxílio divino, como vemos em "Inspiração":

Inspiração divina que me desce
Do céu, nas asas da oração ardente,
Vem afirmar na minha mente em prece
A luz da fé que já minha alma sente.

Vejo que a tudo Deus está presente:
- No alvorecer, na tarde que esmaece...
Na paz, na solidão... na dor do crente...
Na férvida oração do que padece.

Sem ti, Senhor, o homem, só, perece
Correndo atrás da glória fementida,
O céu, a alma... o ser humano esquece.

Por fim, cansado e presa de receios,
Volta-se o homem à sua fé perdida,
Pedindo a Deus um termo aos seus anseios.

(*Anhuma do Pantanal*, 1993, p. 62)

Percebemos no soneto/oração acima o gesto poético da onipotência, da onisciência e da onipresença de Deus que a tudo está presente. O ser divino que socorre o homem quando este encontra-se cansado e sem fé.

Na chamada *Economia da Salvação*, a tradição cristã acredita que Deus enviou seu filho Jesus Cristo para salvar a humanidade que já não acreditava mais em Deus e estava fadada a "perder" a salvação eterna. Esta crença também aparece nos últimos versos de *Rumo perdido*: "Senhor! Salva-nos que perecemos./ Enchemo-nos de ciência e te abandonamos /E tu, como sempre, respeitoso /Da nossa liberdade, /Nos deixas seguir à discrição os ventos. /Urge que acordemos /Em nosso coração /A fé que adormeceu... /- Salva-nos, Senhor!" (*Anhuma do Pantanal*, 1993, p. 88).

Novamente encontramos o eu-lírico em prece que, atualizado, reconhece o desvio de rota e busca endireitar-se, mas não consegue com suas próprias forças. A imagem do homem fraco e dependente do divino acompanha a história da humanidade e aparece reiteradas vezes na literatura desde os gregos até os dias de hoje.

A crença do autor confunde-se com sua admiração e carinho pela cidade. O homem citadino e cristão recorre aos *lugares de memória* (Pierre Nora, 1984) para, também neles, reforçar a intervenção e a ação divina: Vila Maria, consagrada a São Luiz, /Teve na Providência /"A guarda soberana". /De todas as direções /Do Paraguai e afluentes,/Mãos invisíveis transportaram /Camalotes, capim, aguapés /E mais outros vegetais". (*Anhuma do Pantanal*, 1993, p. 33)

Os versos acima, do poema "Tapagem (Episódio da Guerra do Paraguai)" atribui milagrosamente a um fenômeno natural a ação sobrenatural da "providência divina". O ser soberano que cuida de todo o povo cacerense! Cáceres foi erigida sobre a consagração de um santo: São Luiz e, tendo-o como

seu padroeiro, é também mote de diversos versos. Por eles, essa "consagração" garante à cidade toda sorte de bençãos, pois: "Assim, a Providência, /Que o mundo inteiro preside, /Salvou Vila Maria /Das mãos potentes de Lopes" (idem, p. 34)

Cáceres, a contar de sua fundação, recebeu de Portugal grande influência. O cristianismo era a religião oficial da coroa e por conseguinte acaba sendo a religião oficial da cidade. Os poderes (executivos, legislativos e eclesiásticos) interagiam de modo a intensificar a atuação um do outro como o ocorrido quando a assinatura da Lei Áurea em que: "A Câmara Municipal se põe à frente /do entusiasmo popular, /e faz cantar, na igreja Matriz, /um Te Deum, em ação de graças /por tão memorável feito, /que chamou de "redenção gloriosa" /da gente escravizada". (*Pássaro vim-vim*, 2010, p. 56)

Aqui encontramos o poder público que, imperativamente, "faz cantar, na igreja Matriz" uma canção/oração cristã que remonta aos primeiros séculos da Era Cristã. Entoada em ocasiões solenes temos nesse gesto a reafirmação da religião católica amparada pelo poder local, e vice-versa, que expressa toda fé de um povo. Não nos esqueçamos que Natalino Ferreira Mendes, por trinta anos, exerceu cargos importantes na esfera do poder municipal e seus versos denotam que, para ele, seu caráter cristão não se dissocia de sua atuação na vida social e pública. A forte presença da igreja católica, seus símbolos e nomeações reforçavam os ideais de crença religiosa: "Monumento de fé /do povo cacerense /a catedral de São Luiz /exprime, /na sua imponência /e nas arquitetônicas linhas,/o arrojo e a perseverança /dos habitantes desta terra". (idem, p. 66)

A Catedral de São Luiz é, sem dúvida, o maior monumento da cidade. Inspirada na Catedral de Notre Dame, de Paris, demorou quase cinquenta anos para ser construída. Seus traços arquitetônicos chamam atenção pelo estilo neogótico empregado em suas fachadas, acabamentos internos e vitrais.

O eu-lírico, assim, expressa o sentimento de pertencimento à cidade que se mescla com o sentimento de fé, não apenas individual, mas que se estende para todo o povo cacerense. Um símbolo que une, pela fé, toda uma cidade.

À guisa de concluir o tema que provocou a escrita deste ensaio, temos em Natalino Ferreira Mendes uma poesia que pode ser entendida como uma tarefa de dar sentido à vida do poeta, às suas crenças, à percepção sobre a cidade e valores morais de um tempo.

Afinal se "o erigir da habitação humana ainda depende do poder da palavra: é graças à palavra em seu poder nominativo que se pode alcançar a obra do poeta" (NUNES, 2011, p.149). No autor passarinho encontramos a palavra não apenas como exercício de expressão literária, mas como uma *práxis* cristã, fazendo com que devoção e *práxis* literárias se coadunem.

REFERÊNCIAS

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *História da literatura de Mato-Grosso*: Século XX. Cuiabá: Unicen publicações, 2001.
MENDES, Natalino Ferreira. *Anhuma do Pantanal:* poesia da terra, 1993.
MENDES, Natalino. *Pássaro vim-vim*: poesia da terra. Cáceres: Ed. Unemat, 2010.
NORA, Pierre. *Entre memória e história*: a problemática dos lugares.
NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia*: o pensamento poético. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1997.

SOLITÁRIO DA CACIMBA

Rondon ainda o viu – o solitário da cacimba, na sua passagem pela região de Cáceres, conforme consta de suas lembranças escritas por Esther de Viveiros, na obra *Rondon conta sua vida* (1958, p. 220). Diz o grande sertanista, por sua biógrafa: "Encontramos abaixo do Jatobá um pobre velho caboclo. Chamavam-no no solitário da cacimba. Queimaram-lhe o rancho os apaniguados da Fumaça". Transformou-se o caboclo em solene e muda testemunha da arbitrariedade do mais forte praticada contra o mais fraco. Protesto silencioso contra a violência que, infelizmente, existe na comunidade humana.

Expulso do seu rancho, foi viver sozinho junto à cacimba. Na sua miséria e abandono, tornou-se notado e popularmente respeitado pela vida abnegada que levava. A imaginação popular pôs-se a funcionar. Formou-se o mito que venceu o tempo e vive ainda na memória cacerense.

Solitário entre os homens, fez mais íntima a sua relação com a natureza a cujo ritmo se ajustou. Indiferente ao sofrimento, quase imponderável, imaginamo-lo à porta de um abrigo improvisado, junto à cacimba – humilde fonte de água tanto usada no passado da nossa gente. Voltado para o poente, contempla o sol que se põe em meio às nuvens do horizonte. A noite vem... mas o velho sertanejo sabe que todo ocaso já contém em si a semente de um novo dia.

Falta um quadro na galeria das artes plásticas desta cidade: a tela do Solitário da Cacimba.

(*Memória cacerense*, 1998, p. 115)

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

NO TEMPO DOS LAMPIÕES DE RUA

Sob o título "Retrógrados", o jornal O Combate de 19 de junho de 1919, que circulava em Cáceres, rebate as críticas de alguns que se opunham à instalação de energia elétrica nesta cidade, alegando que a receita municipal é insuficiente, as ruas não têm calçamento, não possuem esgoto, etc.

Comentando a iluminação pública da época, diz O Combate: "A luz é a base de todas as prosperidades, não é das mais lisonjeiras. Nas noites escuras, difícil é distinguir uma pessoa a uns dez metros de qualquer lampião; as casas fecham-se muito cedo, tendo a cidade o mais desolador aspecto. Ao passo que, quando enluaradas, as famílias, com inefável alegria percorrem as ruas, proporcionando uma animação que faz esquecer-se a monotonia costumeira. Claro está que o sofrimento maior da população provém da falta de iluminação, que ocasiona-lhe um viver marasmático e displicente. Ao nosso estreito critério – continua o articulista, é o que pretende o nosso Intendente, continuar a alegria adormecida nas noites em que não há luar. E, para alcançá-la é só por meio da luz e esta deve ser elétrica".

E conclui o autor da matéria: "Convictos da eficiência do ato do ilustre Intendente, que visa luz como a causa primordial da alegria da população e ponte de partida para progressos futuros, ficamos cingidos, se bem que no sentido físico, à legenda do presidente Jefferson que, aos que lhe perguntaram do que necessitava o país para um pronto desenvolvimento, respondeu-lhe: luz, luz e luz".

(*Memória cacerense*, 1998, p. 128-9)

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

O LAMPAREIRO

Antônio Chaves, Venâncio,
Boaventura, Ezequiel,
Totó de Coleta, Nhonhô,
E tantos outros,
Sem rosto, sem nome,
- Que importam?
Estes homens anônimos criaram
Na vida da cidade
A figura singular
Do Lampareiro.

Ainda o vejo escada ao ombro,
Corote de óleo na mão
Caminhando de poste em poste
Quando a tarde começava.
Era hora de limpar
E abastecer
Os lampiões de rua da cidade.

Logo após, pelas dezoito horas,
Volta o Lampareiro,
Escada ao ombro,
No bolso caixa de fósforo.
Chega de manso encosta a escada no poste,
Sobe por ela,
Abre a portinhola da caixa de vidro
Que a luz ampara,
Faz fogo
E acende o lampião
Em frente da minha casa.
Desce em seguida... retoma a escada e prossegue
Cioso do seu trabalho.

O tempo urge, a noite chega.
Há outros lampiões que acender.
Lá vai ele, na perspectiva da rua...
Amanhã estará de volta
Fazendo o mesmo trabalho.

Mas um dia, chega o progresso.
A força elétrica se instala.
Erguem-se postes vistosos
De madeira e de cimento,
E a rede de fios de cobre
Se estende pela cidade.
As lâmpadas se acendem num só instante
Com um simples ligar de chaves.

A cidade sorri
Com a nova iluminação!

Dos lampiões de querosene
Que a urbe iluminaram
Por quase cinquenta anos,
Não ficou sobrevivente.
A figura, porém, do Lampareiro,
Que fez parte importante da cidade
Por muitos e muitos anos,
Essa figura ficou... conservada
Com cuidado e com carinho,
Pela nossa tradição,
Que é a memória do povo!

(*Anhuma do Pantanal*: poesia da terra, 1993, p. 42-43)

PÉ-DE-GARRAFA

Na assombrada mata da Poaia
Mal conhecida, outrora, dos mateiros,
Um monstro temeroso de forma humana
De longos pelos dotado,
Alto, forte, horripilante,
Em um só pé apoiado.

Seu nome: Pé-de-garrafa!
Pois seu casco imita o fundo
Da garrafa sobre o solo.
Não é bicho deste mundo!

No seu corpo invulnerável
Só há um ponto sensível:
O umbigo pequenino
De longe quase invisível.

Quem esse alvo errar
Não terá mais salvação...
É esse monstro infernal
Que ronda pelo sertão.

Ai do homem que, sozinho,
Na mata, sem um roteiro,
Ouvindo do monstro um grito
Pensa ser de um companheiro.

É sempre de tardezinha
Quando o poaieiro cansado
Procura o rancho distante
Que o bicho mau, odiado,
Vai andando, espreitando,
Nas imediações da picada.
Grita aqui, grita acolá,
Um grito vil de emboscada.
Pobre de quem o seguir.
É levado para o ermo
Para lugares sombrios
Onde o horror não tem termo.

Assombrosa é a mata bruta
Onde o bravo poaieiro,
No seio da natureza
Labuta só, dia inteiro.

Há feras más, há insetos,
E toda sorte de miasmas...
Há perigos mil reais
E... diabólicos fantasmas.

Quando o caboclo adoece,
Com essas feras lendárias
Nos seus delírios de febre,
Trava lutas sanguinárias.

Assim, os monstros medonhos
Ficam vivendo, de fato,
Na singela consciência
Do nosso homem do mato.

(*Anhuma do Pantanal*: poesia
da terra, 1993, p. 55-56)

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

AS LAVADEIRAS

Cedinho levantam-se ela as lavadeiras (da minha infância)
Preparam o “quebra-torto”.
Das roupas a lavar
fazem trouxas,
munem-se de sabão, anil e porrete.
Tudo posto na bacia,
- alvissareiras-
seguem para o rio
As lavadeiras.

Lá, dividem-se em setores
no porto preferido:
- Furadinho
Malheiros
Fonseca
Dom Thomaz
E Carne Seca.

Formam-se bloquinhos
de comadres.
Acocoradas na praia atrativa
- água na cintura –
começam a faina cansativa.
Ás vezes a frieza d’água,
que mansamente passa,
precisa ser quebrada
com um gole de cachaça.
O almocinho, têm-no já preparado
ou é feito
ali mesmo na praia.
Do sol quente se defendem
com panos na cabeça,
e a canseira se ameniza
com animada conversa,
que começa sem tardança,
sobre assuntos variados
do dia-a-dia caseiro,
da rua
da vizinhança.

Banheira na cabeça
de manhã cedo
as lavadeiras seguem p’ra lida.
A tarde com o sol se pondo, amolecida,
regressam, às suas moradas
com as roupas já lavadas.
caminham eretas
com a bacia
equilibrada na cabeça.
Vêm contentes,
calculando o resultado
do trabalho do dia.

Na tela da minha infância
passam elas uma a uma
-representantes, que são,
de humilde profissão,
que passou,
com os anos da minha vida.
Fez-se presente,
sedimentou-se
na cultura da nossa gente.

Ao rio vão de manhã,
do rio voltam a tarde.
Embora numerosas,
fundem-se todas
- na distância do tempo –
na lavadeira NHA LUIZA,
que, diariamente, passava
- devagar-
pela frente do meu lar.
Figura de mulher esquia,
com a bacia de roupa
na cabeça. ...

Assim o monumento
que eu ergueria com saudade
- no Fonseca ou no Furadinho –
lembrando com carinho
as lavadeiras da cidade.

O ARTESÃO DA MEMÓRIA

Para o passado sobreviver é preciso lembrar. As lembranças às vezes brotam ou simplesmente vêm à tona em um trabalho paciente de reconstrução ou reconstituição; energia pura, guardada no espirito de cada um. É uma tarefa sensível que exige do narrador assentar-se à margem do tempo, sem pressa, entalhando, esculpindo, como se estivesse imitando a divina obra da natureza.

A forma pura com que aflorou as obras de Natalino Ferreira Mendes, foram um rebojo que sacodem os côncavos do nosso marasmo mental, como trovoadas de verão em dias sem chuvas, daqueles que ecoam por vários segundos pelos espaços invisíveis. Foi o primeiro a ver a complexidade do conjunto histórico e social, os lugares de memória, seus personagens e influencias, a tragédia e heroísmo do Poaieiro, a força e delicadeza da natureza pantaneira. Esculpindo, um pouco do tudo, com argila da barranca do rio e pintando com tintas colhidas deste chão, cor de gente, som de vozes, de cantos e orações. E não fez o esboço do quadro com pinceis de pelos macios, mas com brochas cheias de fiapos de embira, marcas que ficam, encharcadas.

Na pureza do desfiar das letras, encontramos resquícios da teia invisível da vida, conspirando a favor pela materialização do imaginário, das experimentações, da memória, das estratégias de enfrentamentos e da construção de identidades.

O mestre não faz simplesmente a história pitoresca de sua terra, fotografa, com segurança e nitidez, as memórias escondidas dos quintais, das ruas silenciosas, dos personagens esquecidos, das lendas e festas, em quadras atraentes e ricas. Que gritam. Etruria! Rio Paraguai! Jauru! Poaia! Pé de garrafa! Lavadeiras! Sangradouro! Boiada, eia, eia! Mangueiras! Piúvas! Ruas de pedra! Meu grande amor! ... Mãe! ... Saudades, imorredouras saudades! A história deixou de ser aí, uma sucessão enfastiosa de acontecimentos para tornar-se na pena do poeta, uma evocação agradável.

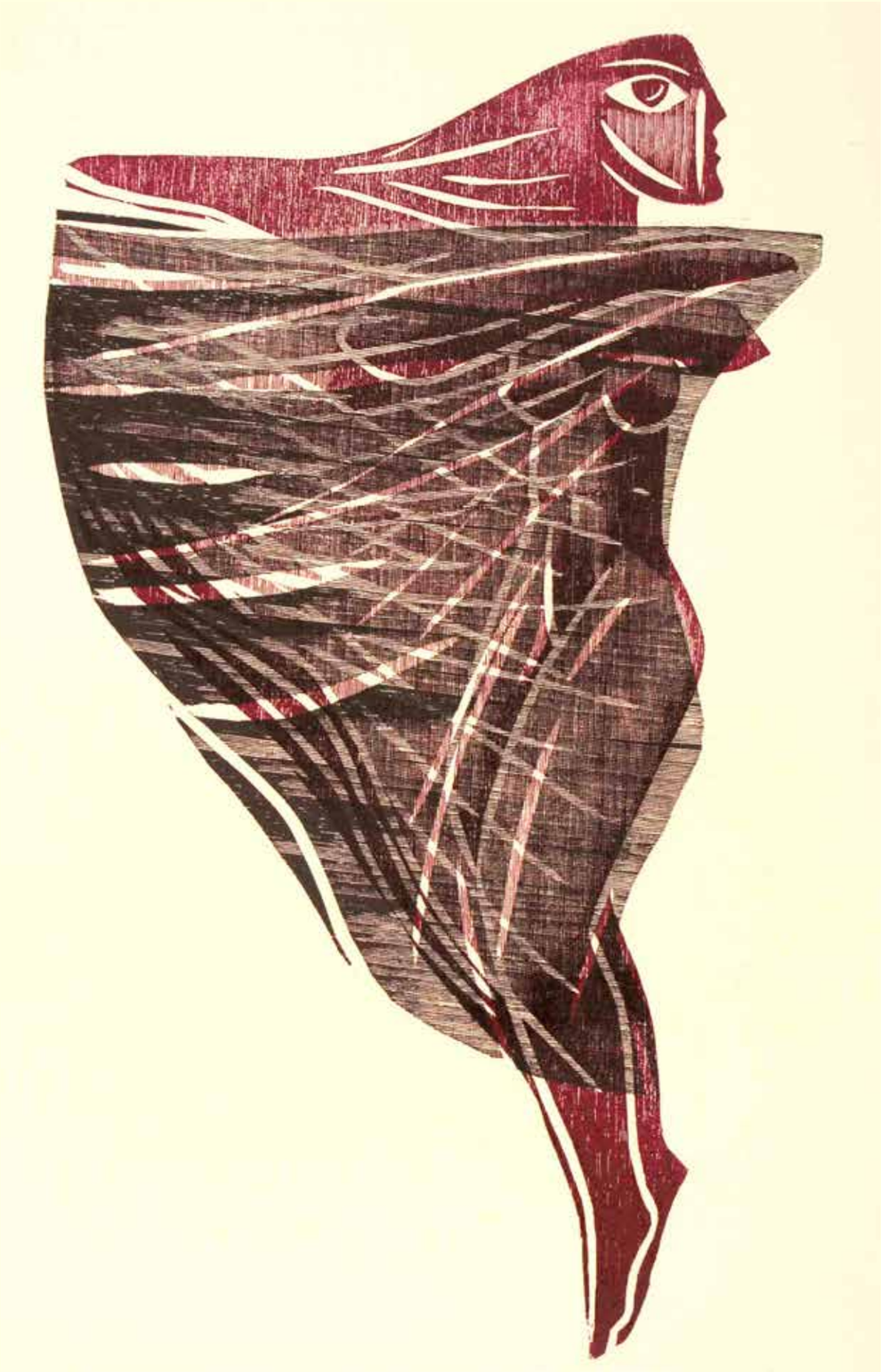
Sei que estamos de fato navegando pelas vielas das lembranças, redescobrindo espaços, desfiando as palavras; ele, nos leva até lá. Podemos ver, ou melhor, ele quer que nós vejamos, que a sua maestria aquarelista, a sua força de sugestão, o seu penetrante sentido, "do que passou", nos põem em contato com as realidades históricas e memoriais.

Sua singularidade está na beleza com que escreveu, na honestidade com que documentou! É um culto à verdade e de amor à sua cidade e seu povo. Cáceres, embora ainda com aspecto "colonial", de ruas estreitas, iluminadas a lampião, era justamente em que fulgia, Natalino Ferreira Mendes, brilhando com sua inteligência, tanto quanto lhe lampejava, a discrição, o olhar atento à correção pela postura e o polimento pela moral, ou, simplesmente arte.

Iludido pela aparente facilidade da linguagem e pela sóbria harmonia das proporções da memória, seria fácil entender o seu coração. Sugiro que não. Esquecemos simplesmente de que as chaves que nos oferece para entrar nos recôncavos da memória são inevitavelmente falsas, já que as verdadeiras, o próprio poeta as guarda consigo.

storiador, empreendedo
macultura e Bioconst
ntários: *Memórias dos*
da América Latina. Ob
neiro: de Cáceres à Itá
no coração da América
este mato-grossense (2
ceres/IHGC.

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.



Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

CIGARRA

Sol a pino causticante e amarelo,
sol de outubro.
Choveu e faz calor.
Emanações sobem da terra quente e úmida.
Nas árvores, as folhas se renovam
- sinal de vitalidade.
Nos cajueiros, frutos sazonados,
vermelhos e amarelos...
minha terra estua vida!

De repente, corta os ares
zunido curto e forte.
É o ensaio da cigarra.
Experimenta o tom
uma, duas, três vezes,
para então um longo silvo
desferir pelo arvoredo...
Canta forte, dá o que pode,
naquele silvo comprido
como se nele quisesse
a vida toda escoar...

enquanto cantas, cigarra,
na mangueira do quintal,
tu inocente não sabes
que no instante em que tu cantas,
do passado que vivi,
bem juntinho do arvoredo,
acordas tantas cigarras
- irmãs tuas –
que dentro de mim
no curto tempo do teu canto,
põem-se todas a cantar,
refazendo a sinfonia
dos meus anos primeiros
- já vividos –
desta vida e neste mundo,
na feliz intimidade
da pujante natureza.

Canta, cigarra, canta...
Alvoroça a minha vida
para que ela seja sons
e vibrações
contemplação
dessa eterna maravilha,
que nos envolve e comove,
das obras da criação.

(*Anhuma do Pantanal*, 1993, p. 30-1)

SILVA FREIRE: O POETA DO NOVO (1972)

Em Silva Freire – Campus Universitário –
temos a poesia em tempo do novo.

É bem o tempo-poema.

O cotidiano em ritmo do tempo
que vivemos.

É a poesia que participa,
que nos leva ao Campus
universitário
para ver (ver, sim)
o Campus funcionar
(como ele diz)
no "passarinhar de leituras".

Porquanto,
a leitura dá asas ao homem
que adquire a arte de voar
tal e qual o passarinho.

Esforço?

Para saltar, o atleta afasta-se do objeto,
no gesto olímpico
(como imagina o poeta)
Do "recuo no salto".
O salto é belo.

O mecanismo que mostra a sala-classe,
de Silva Freire,
Se resume no "ouvido/memória/reflexão".
Onde "aquela sombra curva é a peça central
que irradia ondas do saber (o peito-mestre).

Então,
o Campus opera maravilha:
o oculto se abre como uma flor.

O invento surge da pesquisa.

O homem se levanta da terra
no gesto do acordar,
piscando os olhos atônitos de ver
o que não via.

Faíscas de luz chocam-se
(no debate)
refinando mentalidades
para que se dê o amanhecer.

A poesia de Silva Freire
Ressuma vida – sinal e semente.

Há no homem algo que o dignifica

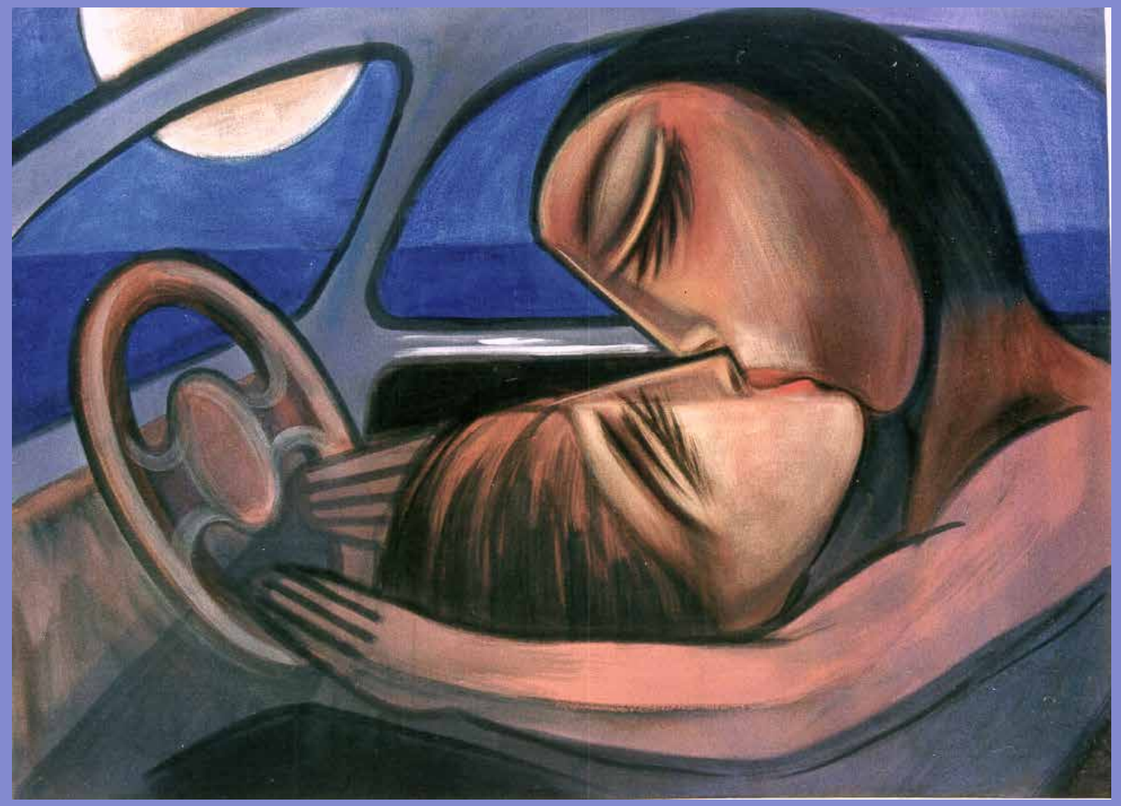
E transcende o próprio tempo.

O Campus é o campo excelente
(pensa o Vate)

Para o treinamento intelectual
Do ser humano.

(*Pássaro vim-vim*, 2010, p. 81)

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.



Sandro Miguel da Silva Paula
Nasceu em Cáceres-MT. Historiador, empreendedor social. Fundador e sócio do Núcleo Experimental de Permacultura e Bioconstrução do Pantanal-NEPBIO-Pantanal. Produtor dos documentários: *Memórias dos soldados de fronteira* (2019); *Uma história do futebol no coração da América Latina*. Obras publicadas: *Soldados de fronteira* (2008); *O pracinha pantaneiro*: de Cáceres à Itália, a cobra já fumava: 1944/1945 (2020); *Uma história do futebol no coração da América do Sul* (2022); *Da Gaiva ao Guaporé*: demarcando limites no oeste mato-grossense (2022). É sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres/IHGC.

VIDA, ARTE, POESIA NA PRODUÇÃO LITERÁRIA BRASILEIRA

Uma Revista Literária dedicada ao escritor Natalino Ferreira Mendes (1924-2011) é mais que um presente para Cáceres-MT e contribuição para a história literária. É o (re)conhecimento de uma produção eivada de ideias e crenças, de estilo e estética, mesmo quando escreve a história e a memória a partir do acervo documental. Com o poeta, Pixé tem o propósito de unir pontas: da reflexão sobre a postura intelectual de quem atravessou um século (do XX para o XXI), e da temporalidade no momento da criação, compondo o elo de ligação com o interior do Estado. Produzindo em conturbados períodos, tanto quanto os de hoje, que transformaram os sistemas políticos e as relações humanas, Natalino se coloca na travessia de um tempo de progresso tecnológico com marcantes prodígios da humanidade e a união atemporal entre o humanismo e a modernidade sobre a qual uma obra se imortaliza.

Os escritos, mesmo aqueles centrados nos aspectos telúricos, são reflexões sobre a vida, dada como presente em forma de Arte e Poesia. Os três pilares da sua produção – Vida, Arte, Poesia – motivam o leitor ao adentramento, este exercício para o qual se leva uma vida inteira em buscas, muitas vezes sem muito sucesso. Para o poeta, a vida é resultado do divino ato criador que coloca o homem e a mulher como partes do Cosmo. Nela (a vida), está a potência humana de também poder criar. Então o Ser é uma espécie de DEUS, ou parte dele, com poderes de fazer Arte e Poesia. Está, portanto, na gênese e no interior da palavra.

O que sustenta esses princípios? O profundo sentimento de fé, de esperança na humanidade e de caridade entre os seres. Natalino Ferreira Mendes é um homem moldado pela *Virtù* como princípio formador da *paideia*, ou seja, a busca platônica da excelência humana, ideal moral, resultado da relação entre natureza e educação como ideal formativo do caráter e das atitudes. De origem humilde, esteve em contato com a terra desde a mais tenra idade. Na relação entre o exercício vivencial e as pesquisas, construiu o gosto pela Arte. Seus escritos exalam os segredos da alma e o devir através da abstração (ou definição?) dos sentidos da existência humana. O hálito da terra e do povo e a sensibilidade da música, da visão do universo e da fraternidade entre as pessoas constituem imagens cuidadosamente lapidadas pelos resíduos do tempo, atingindo os domínios específicos das manifestações verbais. Ezra Pound simplifica essa ideia ao dizer que é o procedimento da "dança do intelecto entre as palavras" que despertam a memória. O canto configura a imagem, mas é também o discurso da/sobre nossa origem, os modos pelos quais passamos a significar em meio a outras vozes que nos constituem e nos definem.

HINO A CÁCERES

Música e orquestração: Cap. Lenírio da Silva Porto

Marcha um povo rompendo a floresta,
Ganha terras e aumenta o Brasil.
No ocidente penetra e, na testa,
Albuquerque de porte viril.

Dessa marcha de heróis do passado,
Tu, ó Cáceres, ergues-te forte:
Já ecoa no campo o aboiado,
Surge a Poaia nas matas do norte.

Tuas terras banhadas dos rios
Sepotuba, Jauru, Cabaçal,
Paraguai – porta aberta p'ra o mundo!
Mar interno – feraz Pantanal!

O teu solo propício à cultura
Doutros centros chamou atenção.
Veio gente no afã de fartura,
Confirmou de Albuquerque a visão.

Tua história contém a lição
De trabalho tenaz, persistente.
No concerto geral da Nação
Como sempre respondes – Presente!

De Albuquerque foste a preferida
Minha terra cristã e feliz.
Cidade amor de São Luiz,
Salve, Cáceres, princesa querida. (Ano do bicentenário de Cáceres)

(*Anhuma do Pantanal*, 1993, p. 69).

Natalino Ferreira Mendes (*03/01/1924; +23/12/2011)
É cacerense. Poeta, memorialista, historiador, jornalista. Escreveu para refletir sobre a vida a partir da compreensão dos sentidos da sua terra natal. Publicações: *História da administração municipal de Cáceres* (1973 e 2009); *Efemérides cacerenses* vol. I e II (1992); *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra (1993); *Memória cacerense* (1998); *Pássaro vim-vim*: poesia da terra (2010); *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória* vol. I e II (*in memoriam*, 2021), todas disponíveis em www.natalinoferreiramendes.com.br . Possui artigos publicados em jornais e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15.

PIÉ
REVISTA LITERÁRIA